ANO 6.º LISBOA — SABADO, 5 DE FEVEREIRO DE 1927 N.º 1789

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO. 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

A EXPLORAÇÃO do Porto de Lisboa vai iniciar imediatamente a construção da "gare„ maritima no terrapleno em frente da Alfandega, que será feito por um prolongamento em cimento armado do cais já existente, de maneira a atracarem ali os grandes transatlanticos que veem a Lisboa.

A estação ferroviaria ficará um pouco ao norte, entre a doca da Alfandega e o Terreiro do Paço, sendo provavel que junto ao torreão da Bolsa seja construido um grande hotel.

A estação maritima terá entrada pelo Terreiro do Paço e pela rua da Alfandega. Desta maneira, os passageiros da America do Sul desembarcarão no Terreiro do Paço, o que lhes dará logo a impressão da grandesa da cidade; e os que se destinarem ao centro da Europa ou á visinha Espanha passarão rapidamente para o comboio que os levará ao seu destino.

* * *

PEDEM-NOS a publicação do seguinte:

Sr. Director — Venho por este meio agradecer a V. a forma e o gesto que teve no seu jornal, quando, por minha carta, o informei das obscenidades que na Praça do Rio de Janeiro (lado do gradeamento) se praticavam.

V., decerto, pediu auxilio ás autoridades, mas elas, por sua vez, não o deram ao reclamante.

Hoje, mais do que nunca, urge pôr em debandada todos os patifes que varias vezes fazem desanimar os habitantes destes sitios.

Peço a V., mais uma vez, a fineza de interceder, perante as autoridades, para que elas tomem o caso a serio, como de facto ele é.

Se V. achar conveniente a publicação da minha carta, faça-o, pois não me abstenho de a assinar, porque muitas testemunhas posso dar a esta causa.— de V., etc., *Julio Gomes Barreiros.*

* * *

UM telegrama de New York diz-nos que o sr. Joseph Duveen vendeu por 54.000 libras o quadro de Rembrandt — *Titus na Cadeira de Braços.*

Ganhou no negocio 29.000 libras.

Nunca uma obra de pintor atingiu preço tão alto.

O culto das coisas antigas custa caro: são necessarios milhões.

Rembrandt, que tinha genio, viveu modestamente: amou, pintou e bebeu cerveja doirada.

Dois seculos e tal após a sua morte, os seus quadros vendem-se por somas fabulosas.

Os ricaços satisfazem o seu amor proprio, o seu snobismo, sem imaginarem que o mestre holandês era pobre como Job.

* * *

DULCE de Figueiredo traduziu para a nossa lingua o romance celebre de Maria Enriqueta, a ilustre escritora mexicana, *O Segredo*, editado pela Emprêsa Literaria Fluminense.

* * *

NÃO se realisaram esta tarde as assembleias gerais dos Bancos Lisboa & Açores e Comercial de Lisboa, tendo a daquela sido transferida para 26 do corrente.

A Republica

Portugal necessita aprender a viver em paz, para que o povo tenha o bem-estar de que tanto carece.

Quantos odios! quantas lutas! quanto sangue derramado!

Bem sabemos que, apenas se implanta um novo regime politico, os acontecimentos podem mais que as vontades.

As paixões rugem, os odios refervem e a razão despedaça-se.

A Republica inspira-se num principio de amor: é do povo e para o povo.

Este, que tanto tem sofrido, através dos tempos, merece bem que o seu destino seja subtraído á acção dos fados inclementes.

Quando, em cinco de Outubro de 1910, rompeu a aurora que a propaganda anunciara, uma grande esperança aqueceu todos os peitos.

O entusiasmo passou sôbre o país, como o vento que ondula brandamente uma seara, aloirando para a ceifa.

Os anos decorreram: muitas ilusões nasceram e muitas ilusões morreram.

A fé dos tibios extinguiu-se, mas a dos fortes robusteceu-se.

Serão estes os vencedores?

Pelo nosso legitimo orgulho de português, desejamos que assim seja.

A Republica possue já o seu martiriologio: gente humilde fez-lhe o sacrificio da sua vida.

Embora haja quem não admita a bravura, senão nos varões ilustres, convém dizer que, entre nós, ela é de todas as classes.

Se por acaso os homens que têm servido a Republica nem sempre souberam compreender que ela não aspira á grandeza, mas sim á justiça, enganaram-se.

Portugal prefere ser modesto e honrado, do que prodigo e sem escrupulos.

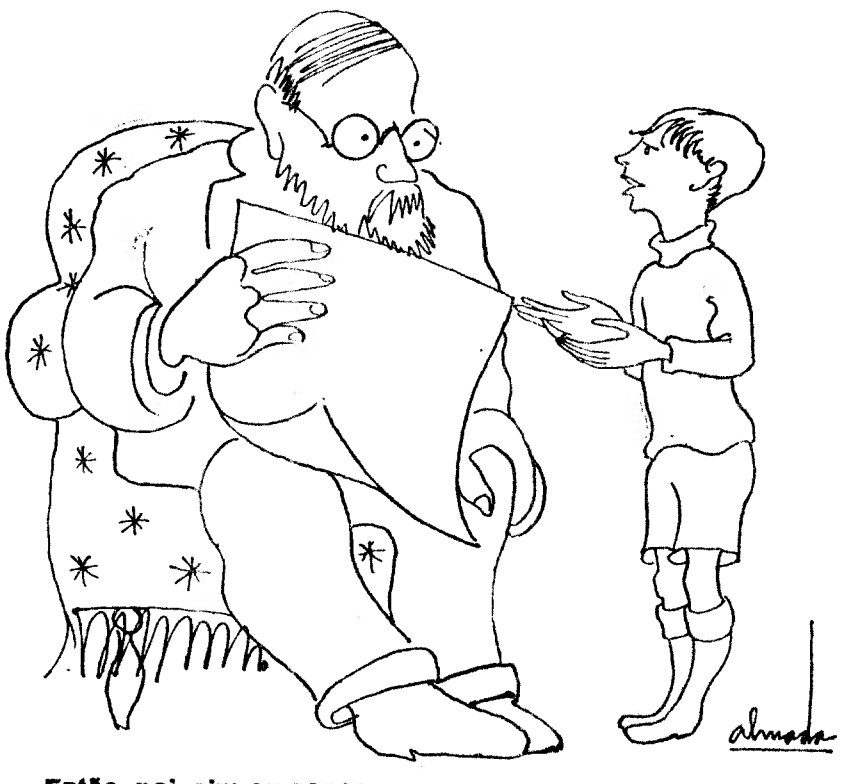
Se nós soubermos unir-nos para engrandecer a Patria, nunca córaremos perante os estrangeiros.

Temos terra para cultivar, mares para navegar...

Enquanto o fanatismo ou o rancor nos erguer uns contra os outros, seremos a gleba esteril de que fala a Biblia.

Libertemos o nosso espirito dos maus pensamentos que o escurecem: lembremo-nos que no mesmo abraço se envolvem seis milhões de portugueses.

O MOMENTO



— Então, pai, sim ou sopas...
— Não, meu filho, nem sopas... nem sim...

MERCEDES Blasco, a conhecida escritora e que ha dias lançou no mercado mais um livro intitulado: *Como eles são,* recebeu do ilustre democrata sr. dr. Magalhães Lima a seguinte carta:

Minha boa Mercedes: — Não ha duvida alguma que sou um sonhador. Os visionarios, como eu, estão em baixa de cotação. Não entram em negocios, nem se prestam a conluios. Para os *homens positivos* o sonhador é um inutil, que não compreende a vida.

Apesar da excomunhão, sinto-me feliz no meu idealismo. Minha querida amiga, não cessarei de o dizer: fóra da existencia espiritual, não ha nada que preste.

Amo intensamente a vida, e, sem embargo da minha desilusão nos homens, continuo a crer e a confiar. Na crença e na confiança, tenho encontrado remedio para muitas amarguras.

A sociedade materializou-se demasiadsmente. Ha um mal de que enfermamos: o predominio da força bruta sobre o espirito. A actual geração é uma consequencia da guerra. E' minha convicção que atravessamos um periodo transitorio, e que a reacção ha de fazer-se. Não se contrariam nem se iludem as leis da natureza nem as leis da historia.

Chassez le naturel, il revient au galop.

O que é pois, natural, numa sociedade organisada, é o idealismo e não o mercantilismo grosseiro.

Fico-me, pois, muito feliz com o epiteto de *sonhador* com que me classificou, que, nos tempos que vão correndo, constitue uma honra, beijando-lhe a mão pela gentileza com que a sua bondade aprouve distinguir-me.

Magalhães Lima„

* * *

RECEBEMOS o seguinte telegrama, do nosso amigo sr. dr. Celestino David:

EVORA, 11. — Faleceu, victimado por pneumonia, o governador civil efectivo sr. dr. Maximo Homem Campos Rodrigues. E' grande a consternação. O funeral realisa-se amanhã. — *Celestino David.*

O sr. dr. Maximo Homem ainda presidiu ao banquete oficial nas festas de recepção dos jornalistas, não tendo comparecido á despedida por já se encontrar adoentado.

Era uma pessoa geralmente estimada em Evora, de um trato irrepreensivel, e que desempenhava a contento da cidade o cargo de autoridade suprema do distrito.

A' sua ilustre familia e aos nossos amigos de Evora enviamos as nossas condolencias.

* * *

A COMPANHIA Nacional de Navegação acaba de fechar contracto em Hamburgo para a construcção de um paquete de 8.300 toneladas, com alojamentos para 160 passageiros de 1.ª e 100 de 2.ª classe e alguns camarotes de luxo.

O novo paquete chamar-se-ha *Portugal* e deve estar pronto dentro de 16 a 18 meses.

* * *

REALIZA-SE amanhã, pelas 14 horas, a cerimonia da entrega de uma bandeira que as corporações economicas da cidade oferecem aos bombeiros municipais.

A cerimonia, como já foi anunciado, terá lugar no salão nobre da Camara Municipal.

Os concertos

No S. Luis

Sem 1.ª audição, mas com trechos que compunham um programa variado, realisou-se, no domingo passado, o anunciado festival Wagneriano, pela orquestra do S. Luis, sob a regencia de Pedro Blanch.

Concorrencia regular, aplausos quentes mas sem veemencia, interpretações que no conjunto tambem resultaram discretas... Em resumo, uma tarde amena, sem motivos para protestar —nem para delirar.

E preguntamos nós agora: não está a orquestra de Pedro Blanch constituida de modo a poder—de vez em quando, pelo menos—dar-nos interpretações que justamente provocassem esse «delirio», esse entusiasmo, cuja ausencia esta porém justificada? Qual o motivo—ou os motivos—porque durante a execução de trechos, porém bem conhecidos dos executantes, ha por vezes desequilibrios ou desencontros que até provocam um forte menoio negativo do regente?

Notamos, ainda—e estas palavras podem aplicar-se a muitas outras sessões musicais de diversos generos—que em geral os interpretes tocam com os dedos, e fazem «fortes» e «pianos» com os dedos, e têm momentos felizes em que seguem com perfeição a batuta do chefe, mas ficam interiormente impassiveis, sem vibração de alma, numa palavra sem entusiasmo!... Não ignoramos—até tivemos já ocasião de apontar o facto—o grande poder de sugestão que póde emanar do chefe e comunicar-se á sua falange de colaboradores. Mas não ignoramos tambem que é necessario um decuplo de forças para vencer certa má vontade, ou simplesmente certa falta de animo...

Fiquemos assim na impressão de que a culpa é de todos, o que equivale a não ser de ninguem. Contudo é pena, além de estranho. Pois a orquestra do S. Luis, em si, está um bom nucleo, com um belo quarteto de cordas—violinos, altos, violonceclos e contrabaixos—e favoraveis condições sonoras de conjunto. E quem tem mais possibilidades, é, em todos os ramos da actividade humana, quem tem maiores obrigações.

Doutro modo, guarda o lugar que conquistou de direito, mas guarda-o sem brio e com pouco proveito.

Francine Benoit

No Gimnasio

Realizou-se ontem o 11.º concerto sob a direcção do maestro Fernandes Fão.

Nele tomou parte, tocando pela primeira vez com orquestra, o pianista Jaime Silva, discipulo do grande professor Alexandre Rei Colaço.

Jaime Silva tem, além de belas qualidades de musico, uma tecnica muito apurada e desenvolvida para a sua pouca idade. Notei especialmente a perfeição dos seus «staccato.»

Executou com muito brilho o «Concertstuch» de Weber e poude revelar-nos, em certas passagens, a arte bem dificil de graduar o som—sendo recebido pelo publico do Gimnasio com o maior agrado, e até com entusiasmo, tendo de tocar dois trechos fora do programa.

O «Preludietto» e o «Scherzo» do professor José Henriques dos Santos não marcam, decerto uma individualidade, mas impressionam agradavelmente pela sua orquestração. Prefiro talvez o «Preludietto», que teve uma excelente execução.

O «Concerto grosso» op. 6 n.º 11 de Corelli, foi-nos dado ontem em 1.ª audição. Não será talvez esta uma das obras em que Corelli atingiu as maiores alturas; isso não impede, no entanto, que este «Concerto grosso» contenha a beleza simples que se encontra sempre, mais ou menos, na obra do grande violinista-compositor do seculo XVII.

Os três solistas João Passos, Luis Barbosa e Fernando Cabral são, como todos sabem, artistas de primeira ordem; mas os seus temperamentos são demasiado diferentes para que possam associar-se bem com dois ou três ensaios apenas.

Assim, a execução do Concerto de Corelli ressentiu-se, no seu conjunto, de uma certa falta de unidade e firmeza.

A «Serenada Mudejar», do dr. João da Silva Figueiredo, muito bem tocada, é uma obra de bom gosto, um pouco prolixa no seu desenvolvimento, mas de ideias interessantes e bem coloridas.

Completavam este atraente programa a abertura do Oberon, de Weber; «Uma noite sobre o «Monte Calvo» de Moussorgsky e a rapsodia em «fá» de Liszt.

M. N. L.

Theatro S. Luiz

Concertos Blanch

Domingo, 6, ás 3 horas da tarde

12.º Concerto de assinatura pela **Orchestra Sinfonica Portuguesa** dirigida pelo maestro **Pedro Blanch** em que toma parte o grande pianista **Viana da Mota**

que executa com a orquestra o «Concerto em sol», de Beethoven e a pedido a «Dança Macabra». «Variações sobre o Dies Irae» de Liszt. Pela orquestra sinfonica em mi bemol de Mozart, «Idyllio» (1.ª audição) de Flaviano Rodrigues, para violino, violoncelo e orquestra, solistas os professores FLAVIANO RODRIGUES e JULIO ALMADA. Piano «Bechstein» da casa Heliodoro de Oliveira. Bilhetes desde já a venda.

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

CRONICA FINANCEIRA

O franco está revalorizado ou estabilisado?

Os especialistas em questões monetarias estudam a forma de resolver o dificil problema que é conciliar os dois sistemas que á "priori„ parecem inconciliaveis: uma estabilidade monetaria ou pelo menos relativa, de modo a assegurar ao comercio e industria uma certa tranquilidade e a esperança duma revalorização importante, senão total, do franco.

A revalorisação implica essencialmente um movimento progressivo da alta do franco e exclui, por consequencia, a estabilidade dos cambios.

Um dos meios preconisados consistiria numa revalorisação do franco "por patamares„.

A revalorização completa do franco exigiria, evidentemente, muitos anos. Se o valor da moeda se elevasse rapidamente ate ao par, nem o orçamento do Estado nem a economia nacional poderiam adaptar-se-lhe. Ora, o comercio e a industria receiam unanimemente a prorrogação indefinida da estabilidade monetaria.

Por isso, os partidarios da revalorização "por patamares„ prevêem uma serie de estabilisações sucessivas realisadas que se fossem a pouco e pouco aproximando do padrão oiro. Assim, a revalorisação do franco seria lenta bastante para que todas as adaptações necessarias podessem efectuar-se sem choques, ao mesmo tempo que os meios economicos beneficiariam, durante cada um dos periodos sucessivos, da estabilidade que desejam.

Esta concepção, apresentada por competencias, é, na verdade, sedutora. No entanto, opõem-se lhe objecções de ordem tecnica e economica.

E' preciso primeiro saber-se como se realizariam as estabilizações sucessivas, cada uma das quais, para o processo dar resultado, devia durar alguns anos. Não é natural que se chegue lá por meras intervenções nos mercados financeiros. A fixação dos cambios que daí resultaria dependeria, numa certa medida, dos acontecimentos politicos; seria fatalmente precaria e incerta. Realmente, para a assegurar, seria indispensavel restabelecer a convertibilidade das notas-oiro, pelo menos, para os pagamentos externos.

Semelhante operação comportaria modificações profundas na situação e no balanço do organismo emissor. Para que fôsse realizavel, seria necessario que o Banco de França recuperasse o "contrôle„, tão completo quanto possivel, da circulação das notas; que, por consequencia, a divida do Estado fôsse atenuada, em grande parte, e substituida por elementos moveis, assegurando, efectivamente, a convertibilidade da moeda-papel. Este resultado não poderia, sem duvida, ser obtido nas circunstancias presentes, senão parcialmente, por meio de reembolsos feitos pelo Estado; e, além disso, que se procedesse a uma reavaliação do encaixe matalico que reduziria, "ipso facto„, a uma larga proporção, a divida do Tesouro.

Ora o estado de coisas, assim criado, deveria forçosamente sofrer novas alterações desde que a taxa da estabilização do franco fôsse elevada. A cada reavaliação do encaixe corresponderiam novos reembolsos do Estado, necessariamente.

Estão-se a vêr as dificuldades tecnicas que este metodo suscitaria. Depois, como se passaria dum curso determinante do cambio a outro?

Enfim, no ponto de vista economico é, pelo menos, duvidoso que estes abalos repetidos, mesmo quando separados por periodos de tranquilidade relativamente longos, correspondessem efectivamente aos votos do comercio e da industria.

Ao contrario, é de recear que as crises economicas sucessivas que determinariam produzissem um efeito desmoralizador, impedindo o desenvolvimento normal da actividade do pais. De resto, ninguem pode prever essas convulsões bruscas, esses regressos subitos á incerteza deliberadamente provocados, quando a economia nacional se tivesse já readaptado e habituado a uma moeda sã e estavel.

A revolorização e a estabilização têm inconvenientes e vantagens diferentes, entre as quais seria preciso escolher. O primeiro desses sistemas implica a conservação, durante largos anos, da instabilidade da moeda; mas é de esperar que esse processo dê ao franco, mais dia menos dia, o seu antigo valor. O segundo—supondo que dá resultado—restabelecerá a estabilidade dos cambios que reclamam os comerciantes e industriais, mas consagrará, muito verosimilmente uma falencia monetaria definitiva.

Uma outra excepção tende para a adopção deste processo; deixar-se-ia o franco evoluir livremente e encaminhar-se, se possivel fosse, para o padrão-oiro. Todavia para obviar aos inconvenientes certos que comporta a instabilidade dos cambios, autorizar-se-iam as estipulações em moeda-oiro. Nos contratos a prazo, basear-se-iam os calculos numa moeda de valor imaginario, representando um peso determinado de metal amarelo—o franco-oiro por exemplo—mas os pagamentos continuariam a efectuar-se em moeda-papel.

Seria, afinal, a decomposição do papel da moeda, papel que é duplo, como se sabe. O franco-oiro é que desempenharia a função, não menos essencial, da medida comum dos valores.

Esta sugestão não foi emitida sómente por teoricos, mas tambem por comerciantes experimentados.

Para as convenções a longo prazo, que a variabilidade dos cambios tornava quasi impossiveis, não haveria inconveniente em autorizar as estipulações em oiro. Mas não se devia criar nenhuma moeda para esse efeito.

Esta medida não satisfaria nem os revalorisadores nem os estalisadores.

Entre essas duas concepções, repetimos, antagonicas, será necessario optar: não existir meio algum de as conciliar, de assegurar as vantagens respectivas e de lhes evitar os inconvenientes.

Perdigão Cid

Vias Urinarias e Clinica Geral

Rua Garret, 80, sobre-loja — Telefone C. 1602

CONSULTAS DAS 16 ÁS 19 HORAS

Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade

R. Serpa Pinto, 33 (actual R. 16 d'Outubro)

Consultas d'ouvidos, nariz e garganta, ás 11 horas

PREÇOS REDUZIDOS

Dr. Gustavo de Medeiros e Almeida

Sempre novidades!

CAMISARIA "TIVOLI"

Brindes nas compras de 50$00

RUA DO OURO — 93

Comercio e Industria

Seguros em todos os ramos

R. ARCO BANDEIRA, 22

Mundanismo

Diplomatas

O sr. ministro da Alemanha em Portugal, dr. Veretzsch, partiu para fora de Lisboa.

No Mont'Estoril

Amanhã realisa-se no Grande Hotel de Italia, do Mont'Estoril, mais um «chá dançante» da serie que um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade de Cascais e desta praia tem organisado nesse hotel, sendo de prever uma enorme e selecta concorrencia.

Casamentos

Na paroquial igreja de Grijó realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria José Nunes de Oliveira, gentil filha da sr. D. Maria Milheiro Nunes de Oliveira e do sr. Antonio Alves de Oliveira Junior, com o sr. dr. Manuel Pinto Moreira Ramos, filho da sr.ª D. Joaquina Pontes Ramos e do sr. Joaquim Pinto Moreira Ramos, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os pais dos noivos, sendo o acto celebrado pelo venerando bispo do Porto, amigo intimo da familia dos noivos, que no fim da cerimonia fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimonia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um fino almoço, seguindo depois os noivos para Coimbra e Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial igreja de S. Pedro, em Alcantara, o casamento da sr.ª D. Violeta Rosa Cartaxo, interessante filha da sr.ª D. Maria Emilia Cartaxo e do sr. João Nunes Cartaxo, com o sr. Alfredo Lopes dos Santos Silva, filho da sr.ª D. Beatriz de Almeida Lopes da Silva e do sr. José Candido Gomes da Silva, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria Isabel Moniz Galvão e D. Ilda Leonor Lopes Madeira e de padrinhos os srs. Francisco Lopes Bingueira e Armando Lopes Madeira.

Findo o acto religioso foi servido um fino «lunch» na residencia dos pais da noiva.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

— Foi pedida em casamento para seu filho Antonio, pela sr.ª D. Maria Inés de Almeida Pedroso Marques, esposa do sr. dr. Francisco Marques, a sr.ª D. Graziela Cardoso Teixeira, gentil filha da sr.ª D. Julia Amelia Cardoso Teixeira e do sr. Antonio Maria Teixeira.

A cerimonia realizar-se-ha ainda este ano.

Em viagem

Os srs. viscondes de S. Gião encontram-se em Lisboa vindos da sua casa de Torres Novas.

—Encontra-se em Lisboa vindo da sua casa de Alcobaça o sr. José Rino.

—Partiu de Paredes de Coura para S. Pedro, Valença, o sr. Pedro Dantas Bacelar.

Doentes

Completamente restabelecida da operação a que se sujeitou feita pelo ilustre clinico sr. dr. Ary dos Santos, retirou da casa de saude a sr.ª D. Maria Fernandes Freire.

—Está felizmente restabelecida a sr.ª D. Constança Machado da Cunha Lisboa.

—Com muito prazer registamos as melhoras que ultimamente se têm acentuado dos padecimentos do sr. Gustavo Vieira.

Feira Internacional de Lyon

A Feira Internacional de Lyon esforçou-se sempre por facilitar as transações nos periodos mais criticos da situação economica mundial.

Ela foi sempre, na incerteza dos cambios, na instabilidade alfandegaria e na dificuldade das comunicações, o guia mais seguro do comerciante, para a sua documentação precisa e para a compra aos melhores preços.

Muito antes da publicação das estatisticas oficiais, o homem de negocios encontra na Feira de Lyon preciosas informações sobre a situação do mercado.

O esforço realisado, cada ano mais vasto, pela Feira de Lyon, encontra a sua recompensa e a sua justificação na fidelidade e no aumento do numero de industriais e de comerciantes que se encontram em cada uma destas reuniões. Em março de 1926, estes industriais e comerciantes vinham de 47 paises diferentes.

A proxima reunião da Feira de Lyon terá logar de 7 a 20 de março de 1927 e reunirá a produção de 20 nações.

Encontrar-se-ha ali uma preciosa documentação sobre a orientação do gosto contemporaneo, em todos os ramos da industria: sedas e outros tecidos, vestuarios, «fourrures», mobiliario, objectos de arte, vidraria, ceramica, maroquinerie, perfumaria, brinquedos, bijouteria, automoveis, etc.

As ultimas criações da tecnica ocuparão igualmente um logar importante nesta Feira, nas secções de maquinas, da metalurgia, de ferramentas, de electricidade, de construção, de produtos quimicos e de fornecimentos industriais.

Entre as principais secções convem ainda citar a da alimentação, a da papelaria e artigos de escritorio, e enfim a das maquinas e fornecimentos agricolas.

O comité da Feira de Lyon (endereço: Hotel de Ville, Lyon) acaba de fazer publicar o seu novo Guia do Comprador, contendo informações praticas sobre a cidade e Feira de Lyon.

Esta publicação será enviada gratuitamente a todos os comerciantes que a peçam, mencionando este jornal (indicar a lingua desejada: franceza, inglesa, espanhola ou alemã).

GRANDE ESPECIALIDADE

No Café de LA GARE, frente á estação do Rocio

Serve-se á chavena o explendido

CHOCOLATE DE BAYONNE

PENSÃO TIVOLI

Bons quartos mobilados. Casas de banho. Reduções a casaes. Preços desde 22$00.

Avenida da Liberdade, 180

Telefone 857 M.

A HISTORIA DA ARTE

O Palacio de Queluz

e a obra que se está publicando

DO ARQUEOLOGO

Caldeira Pires

Os estudiosos que adquiriram, leram e anotaram o primeiro volume desta descrição historica, devem ter encontrado nele, gralhas e mesmo erros de gramatica.

Confesso que não sou escritor, ou literato, nem tentei escrever filosoficamente a *Historia do Palacio Nacional de Queluz*. Todo o meu trabalho é baseado na documentação que consultei, nos milhares de processos de contas que me correram pelas mãos e, principalmente, na paciencia que sempre tive ao passar horas esquecidas, como que buscando um tesouro, remexendo tudo, do que resultou finalmente o citado primeiro volume, este, e o terceiro, já no prelo.

Não me vanglorio, confesso, de que o meu esforço désse o resultado desejado; não é perfeito, como nada perfeito fazemos. Tem erros? Quem os não comete?... Não tem literatura? Que importa?...

Orgulho-me sómente, de o ter principiado e acabado sósinho, assim como de ninguem poder afirmar que ajudou, em tão complicado trabalho, quem, como eu, nunca tentou escrever... um conto de fadas.

O que sei e ví, é que o primeiro volume da Historia que segue, foi vendido, procurado e bem recebido, pelo publico exigente e pela critica severa. Vendeu-se bem. E já que nada lucrei em escrevê-lo, tive ao menos essa grande satisfação.

Passei desanimos, desgostos e dificuldades, que temporariamente me levaram a abandonar as pesquizas. Mas, como alguem se manifestasse desfavoravelmente ao saber que eu não prosseguia com o trabalho, o qual, diga-se na verdade, *«é grande de mais, para uma pessoa tão pequena», animei-me*, readquiri forças, e atirei-me de novo, com unhas e dentes á papelada velha. Meti-me em todos os arquivos, e consegui afinal juntar — com sabor arqueologico todo este recheio — e — potisitivamente ao correr da pena —, organisar a *Historia do Palacio Nacional de Queluz*, tão celebre e tão faustoso pelo que nele se passou, esclarecendo factos que a historia narra ao de leve. E quem podesse conhecer a fundo, ouvir, e ler, e ver, tudo quanto aquelas depauperadas paredes, arruinadas, despidas do esplendor das épocas, nos patenteiam em toda a invocação, em toda a historia, em toda a tradição!... Tempos idos, tempos que passaram, tempos... que choramos!...

Meu desventurado palacio! Abandonado, tristonho, sem galas, sem festas, sem o esplendor do seculo XVIII, como vives ainda, como ainda te firmas nos teus alicerces, como ainda és elegante, apesar das manchas dos tempos!...

Fôste abandonado e andas esfarrapado; mendigas e de ninguem és atendido!...

Nobre, cheio de miseria, nem uma vestia nova te oferendam!...

E como facilmente te tornarias esbelto, tal a figura de Ender, que guardas nas tuas salas, garbosa e galanteadora!...

Pobre palacio, onde ás denegridas paredes já não chega sequer o perfume dos jardins, antigamnte mimosiados por lindas mãos atraídas pelas flôres, e adornados pelas formosas cabeças empoadas, que se curvavam a aspirar esse estonteador perfume, escutando ao mesmo tempo os galanteios amorosos de seus apaixonados ...

Palacio, jardins e mata, és apenas espectro que ainda aí vagueias, porque te alcunharam de *«sombra de Versailles»*!... Mas quem te conhece pela tradição de épocas passadas, em vez de se alegrar comtigo, sofre em seu peito saudoso dos tempos de então, uma profunda tristeza. Epocas que passaram, tradições que se desvanecem ficando esqueleticas, perdemos o alento quando ao contemplar-vos. Mas descobrimo-nos e ainda sentimos prazer em vos fazermos as três vénias da etiqueta, memorando o passado com saudades desses tempos...

Queluz, pobre Queluz, como é triste recordar-te! Como me peza na alma não poder valer-te, ofertando-te, em memoria do teu faustoso passado, uma vestia nova, cobrindo a tua esqueletica ruina, amparando-te enquanto vivesses, animando-te, guiando-te, para não fores do encontro á ingrata humanidade que te deu o sêr, e não transformando-te em breve num montão de destroços!

* * *

Bom seria que o Estado tivesse... piedade deste singular *Monumento Historico*.

Pensou-se já em formar uma *«Liga dos Amigos de Queluz»*, mas houve que pôr de parte tal ideia.

Um amigo meu, e tambem do *Palacio Nacional de Queluz*, elaborou um projecto, que decretado, salvaria da ruina certa o edificio e os jardins. Tudo dependeria da bôa vontade de quem ordenasse a respectiva execução.

Com o projecto citado faziam-se as obras de que o Palacio carece, fazia-se o Museu e principalmente fazia-se com que o Estado nada dispendesse. O que se necessita é da devida autorização ministerial, com a garantia absoluta de que toda a receita apurada reverterá unicamente em proveito do Palacio e em especial das salas que já hoje constituem o *Museu Nacional do Palacio de Queluz*.

Quando se iniciaram os trabalhos de restauração, sob a direcção artistica do já falecido *«Mestre na Arte»*, o arquitecto ilustre que foi Rozendo Carvalheira, salvou-se a parte do nascente, fez-se muita obra e principiaram-se os restauros da historica Sala de D. Quixote. Ainda depois do falecimento desto grande amigo do Palacio, preciosas obras de talha se fizeram, ao abandono, actualmente, na Sala da Caça, que se segue á do Trono e, como esta, fechada ao publico.

Por isso muita obra ha já feita. Mas muita mais ha a fazer.

Toda a ala do poente está em ruina e nada aí se tem feito por não haver dinheiro.

O Palacio, *Museu*, precisa de telhados novos; precisa de pinturas, tanto interiores como exteriores; o sobrado está em lastimoso estado; as paredes não estão forradas, etc.. Isto, não falando em outras restaurações urgentes como a da mencionada Sala D. Quixote, preciosa e historica, que está em completo estado de ruina, apresentando o chão enorme declive, desequilibradas as colunas que a adornam, caídos os capiteis de algumas, os vidros partidos, o *pirquet* solto, as janelas e as portas sem se poderem abrir ou fechar, o tecto com os paineis descolados!... Uma verdadeira lastima!... A par de tanta ruina,, os selvagens que visitam o Palacio e passam por aquela sala, onde nasceu e faleceu o *«Rei-Soldado»*, riscam nas portas, que são espelhos de recordações, nomes e desenhos .. dos que em Lisboa admiramos nas paredes dos seus predios, a carvão ou a giz...

As outras salas do Palacio estão limpas, mas ao abandono tambem.

Tudo aí é preciso refazer, desde a mais insignificante pintura á mais importante obra de arte.

Estão restauradas a Sala da Musica e a do Trono, mas permanecem fechadas. Porquê? Inutil será dizê-lo!... Fizeram-se os restauros; e depois de colocada a lindissima obra de talha, não se fizeram as pinturas e douraduras. Coisa celebre! Na Sala do Trono, pregada a obra de talha, que serve de moldura aos paineis do tecto, conseguiram os artistas, que o são realmente na sua arte, o milagre de varios paineis ficarem por colocar, pois não havia logar para eles nos sitios donde fôram deslocados!... Milagres, prodigios da nossa terra!...

Para cumulo, esta riquissima sala está ainda com andaimes até ao tecto, e por isso, fechada ao publico que visita o Palacio.

Como se consente tamanha selvageria! E como havendo Conselhos de Arte e Arqueologia, do Conservação de Monumentos, se deixa ao abandono, *esse interessantissimo monumento do seculo XVIII*, que em vez de conservado, fica no esquecimento, e pouco a pouco... é transformado em lixo!... Consentisse o governo no projecto elaborado e poderiamos salvar da ruina o *«Palacio Nacional de Queluz»*, que o Estado destinou para *«Museu»*(?).

Mas que especie de *«Museu»* é aquele? Que obras de arte tem?

Uma entrada tosca, porque a que devia ser entrada principal, está tranformada.. em *«Casa da Bomba»*, lá dos Bombeiros valorosos de Queluz!...

A «Sala da Tocha», que se segue a esta, está fechada. E' um deposito de tarecos!... Restaurado o Palacio, estas duas salas, guarnecidas com os ricos panos de Arrás, uns existentes em Vila Viçosa, no Palacio Ducal, outros no tesouro das Necessidades, que ricas ficariam!

Logo a seguir entrariamos na *«Sala dos Embaixadores»*, com as suas talhas orientais. Que bela entrada, já se vê, tirando de lá a Bomba e transformando a primeira sala naquilo que foi: a *Sala dos Tudescos*.

Salve-se o Palacio, salvem-se as suas salas preciosas, salvem-se os seu jardins, onde os alunos duma Escola Agricola, instalada no antigo Palacio da Rainha D. Maria I, cultivam batatas, chegando ao cumulo de entulharem riquissimos tanques para semearem laterraba, como eu vi em 1920!

Assim se tratam as nossas preciosidades, as nossas antiguidades!... Pois se houve alguem que alvitrou, transformar o palacio em hotel e dar-lhe o nome de *«Hotel Carlota Joaquina»*!!...

O palacio já veio arruinado, quando no tempo da Monarquia foi entregue ao Estado. Mas a Republica que tanto clamou contra os defeitos do realismo, deveria havê-lo poupado, conservando-o e lembrar-se que não temos outro igual.

Se fôssemos atendidos, se o governo consentisse no projecto elaborado, alguma coisa ainda se faria. Assim... não havendo dinheiro para escolas e professores, onde o analfabetismo abunda; não havendo dinheiro para a conservação de estradas, sendo monos perigoso andar por caminhos de cabras nas montanhas; não havendo dinheiro para monumentos á memoria daqueles pobres *«Serranos»* que em Africa e na França se sacrificaram pelo bom nome de Portugal; não havendo dinheiro para possuir uma esquadra, digna de nós, do nosso glorioso passado, da nossa epopeia maitima; não havendo dinheiro para manter o nosso Exercito, tão nobre nos tempos idos, cheio de vitorias, de heroismos e de arrojos de portugueses; não havendo dinheiro... para o necessario que precisamos; arruinados, pobres, cheios de dividas, póde lá haver dinheiro para restaurarmos os padrões das nossas glorias, a Sé, por exemplo, a vetusta Sé... Tanta e tanta arte que perdemos, ou o camartelo demolidor deita por terra!... Como é possivel falar ao coração dos nossos dirigentes, se eles andam sempre preocupados com a politica?!...

Para que falar-lhes em nossos monumentos?

Ao abandono está o *Palacio de Queluz*, unico monumento no seu genero do seculo XVIII, incompleto na verdade, mas lindo em si e por causa dos jardins ainda existentes, dos muitos que o rodeavam, com estatuas e bustos sobre pedestais, com cascatas, tanques e repuxos por onde a agua, em mil fantasias se atirava para o espaço; com buchos em mil variedades, canteiros de belas flôres e o grande lago todo forrado de azulejos.

De tantas maravilhas poucas restam já. Se o edificio está em ruina, dos jardins nem é bom falar!

Os palacios que fôram residencias de reis e que no estrangeiro são poupados e conservados, entre nós são abandonados. Veja-se Queluz, Ajuda, Mafra, etc.. Até nos confrange, lembrarmo-nos que os possuimos...

Mas... não ha dinheiro e, principalmente, não ha amór pelas velhas paredes, que são paginas de historia e junto ás quais se desenvolveram verdadeiras batalhas politicas ou amorosas.

Pobres palavras estas!... Não vão desgelar o coração de quem nos governa. E Queluz lá fica... lá fica chorando a sua pompa passada, mendigando uma esmola, até que as forças se apaguem, e depois... não iremos contemplar os seus restos, mas ver sim, um destroço, um montão de pergaminhos inutilizados.

* * *

Mas de que consta este segundo volume?

O primeiro descreveu em fraca prosa a construção do *Palacio Nacional de Queluz*, fornecendo elementos para quem com mais competencia e saber, possa realizar uma historia perfeita e completa, procurando, como eu, coligir dados a tal respeito.

Agora, aqui me têm novamente tentando relatar ao correr da pena, e com o mesmo paladar arqueologico alguns factos ocorridos no palacio.

Espero a benevolencia do leitor.

Infelizmente, quando tinha na frente uma nova *«receita documental»*, grave doença me inutilizou.

Tenho, porém, a convicção de que em um quarto volume ou em suplemento farei o que a minha abalada saude agora me impede de realizar.

* * *

Agora, entremos no Palacio... sonhando; descubramo-nos ouvindo, ao longe, o som dum minuete tocado pelo maestro David Perez; e, sonhando ainda, a encontadora voz da sua discipula predilecta.

ANTONIO CALDEIRA PIRES

Tinta d'agua «CALCARIUM»

da reputada marca ingleza A. T. Morse & C.ª

magnificas decorações interiores, lavaveis e economicas

a 2$93 o m. q. c|2 demãos

Preços e indicações nos unicos depositarios

BENARD GUEDES, LTD.

Rua do Crucifixo, 75, 3.º — Telef. C. 1447

Cimento armado

Lavaroupas e todos os trabalhos desta industria.

A fabrica que mais barato vende.

RUA C. AO REGO

Dr. G. de Brito Chaves

— R. ROSA ARAUJO, 8-A —

Consultas ás 16 h. — Tel. N. 4696

CIMENTO

«AUDAZ» e «TENAZ»

Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade

UNICOS DEPOSITARIOS

Mello da Silva, Limitada

Rua Nova do Almada, 24-2.º D.

LISBOA

Telefone C. 587 Telegramas: Melloseque

Chá das cinco

A multidão na Historia

Concluí, agora mesmo, a leitura de um tratado historico; como neste, em mais algumas dezenas, centenas porventura, eu cravei atento olhar, decompondo-os linha a linha, pois nelles tenho procurado a massa obscura mas poderosa com que a Historia se constroi—a multidão. E nunca a encontrei.

A injustiça da omissão entristeceu-me; o exagero de proporções das figuras militares ou dinasticas, revoltou-me. Descobri, dissimulada em resoluções de inspiração divina, a epilepsia heroica de Cesar ao estreitar, no aro de ferro da sua loucura belica, a mancha sombria e inquieta de povos de onde saiu o Imperio Romano. Gengis Khan surgiu-me, flagelo de Satanaz desencadiado no mundo para escarmento de Deus, á frente das hordas mongolicas, ferozes e incontaveis como senhor incontestado da maior ainda que efemera maquina politica dos seculos—e ante ele o Historiador, solicito e tremulo de admiração, se deteve longamente para fixar na memoria dos vindouros o espanto do diluvio de sangue que, ao despenhar-se no Oriente Longinquo, se alongou até aos castelos sobranceiros dos "madgyares„ e ás margens do Mar Negro. Em paginas ainda frescas de emoção se regista o implacavel rasgar de povos e tradições com que a mão vandalica do Corso encerrou a fase apocaliptica da Revolução.

Para todos estes horrores, grandiosos sem duvida mas horrores emfim—o Historiador prodigalisou nuvens de vocabulos engenhosamente agrupados em descrições monumentais. E é então quando mais sinto, naquela zona misteriosa do meu cerebro em que nem mesmo eu entro, a vaga memoria ancestral da injustiça feita á Multidão—ao grupo poderoso de gerações que nos antecedeu e a quem devemos tudo que cobre e embeleza e torna util a face do Universo, mas que não figura nas paginas veneradas da Cronica.

A multidão! Que imensa é a sua obra benemerente e fertil, olvidada dos espiritos, sempre presente nos factos. Ela rasgou la longe, nesse Extremo Oriente de onde nos vem agora o rumor surdo de uma cruel tragedia, as centenas de quilometros do Canal do Imperio, magnifico veio de agua por onde navios de milhares de toneladas levam ao coração da China o comercio e a industria de outras remotas civilisações. Milhões de homens perderam a vida nesse prodigio de engenharia que, a tantos seculos de distancia, assombra ainda sciencia, e outros milhões mais a perderam tambem ao secar os pantanos interminaveis do Sul, por essse imenso sacrificio convertidos em terras de arroz. Quando Roma enlaçou a Europa nas malhas largas mas solidas da sua rede de vias militares foram, uma vez mais, as massas anonimas, quem tornou possivel esse intento que permitiu transformar o continente, de uma brenha povoada de tribus primitivas, na magnifica civilisação cujo esplendor até os barbaros seduziu, As flechas das catedraes rasgam orgulhosas o azul do firmamento mas, através dos seculos que a sua construção demorou, a Historia ignorou sempre, sistematicamente, absurdamente, a multidão que mimosamente lavrou os granitos que as constituem.

Dos conquistadores de Imperios fica a memoria enallecida dos horrores que cometeram. Da faina anonima e incessante dos povos desprezados pela Historia e pelos Senhores, fica um mundo inteiro de realidades, em cuja remota e dolorosa origem nada fixa a atenção. Como não entristecer-me, pois, ao folhear a Cronica? Desprezivelmente, num estreito criterio aristocratico, ela arremessa as Multidões, laboriosas e fecundas, á vala comun do anonimato. Carinhosamente, enternecidamente, ela regista as anedotas devassas de Luiz XV ou os nomes e apelidos dos conegos glutões de D. Maria I.

Quem construiria as caravelas da India?

Consiglieri Sá Pereira

OS ACONTECIME

As forças go

que continuam na pos

foram

A SERRA D

onde abriram fogo

que continuam na

Noutro logar damos, tanto quanto possivel ajustadas á hora dos acontecimentos, noticia do que se tem passado no Porto, nas ultimas 24 horas. São informações que o governo fornece ou que o governo não vê impedimento em circularem, por serem verdadeiras.

Pomos de parte noticias, aparentemente verosimeis e possivelmente verdadeiras, mas que não têm confirmação ou que o governo toma como tendenciosas. O nosso desejo é fornecer ao publico noticias exactas, não nos podendo nós alongarmos no relato das informações enviadas pelos nossos redactores, um deles no campo revolucionario, outro no campo dos governamentais, porque a nossa certeza do escrupulo dos nossos enviados especiais para o caso e para o estado de coisas—não é suficiente.

A rendição não se deu até ás 16 horas

O governo preparou desde ontem de manhã o ataque ás forças revolucionarias, que são em numero muito inferior ás das tropas fieis, e que estão concentradas na praça da Batalha, tomando as embocaduras das ruas.

Esteve o sr. ministro da Guerra na Serra do Pilar, dirigindo o ataque, que foi estabelecido em forma de cêrco para poupar a cidade.

E' certo terem avançadas do Governo passado a ponte de D. Luiz, mas está provado, pelos informes controlados, que não lograram penetrar no campo revolucionario.

Troou o canhão e houve fuzilaria. Mas tudo leva a crêr que as vitimas não tenham sido muitas. Nós, em Lisboa, já tivemos em Campolide uma noite inteira de descargas constantes de metralhadoras, e de manhã verificou-se ter havido meia duzia de feridos e um morto.

Desde a madrugada de ontem, sexta-feira, até á tarde de hoje, os revolucionarios não se renderam nem foram desbaratados.

As tropas fieis, por força das circunstancias e em obediencia á estrategia local — abandonaram a Serra de Pilar, o que não prejudica o plano das tropas do sr. ministro da Guerra, segundo informações militares oficiais que colhemos.

Os revolucionarios ficaram com os movimentos mais livres, ainda que transitoriamente, visto que, segundo as notas oficiosas e noticias dos jornais ligados á situação governamental, o cêrco é cada vez mais apertado, e a Batalha está prestes a cair.

O paiz está em tranquilidade—segundo as notas oficiais. De facto, ha apenas noticia da insubordinação em Tavira, e na canhoneira «Bengo», em Faro. Mas o Governo dominou a situação.

«Todo o paiz é governamental», excepto parte da guarnição do Porto, na unica versão a que podemos dar relato.

Em resumo: ás 16 horas a situação não se modificou em relação a ontem e ante-ontem, o sr. ministro da Guerra mudou de posição estrategica e o Governo conta jugular a insurreição do Porto em poucas horas.

O aspecto de Lisboa

Lisboa não está indiferente. Olha os acontecimentos, palpita-os, peza-os e faz jornalismo por sua conta e risco, com mais risco do que conta, porque as parcelas podem estar erradas ás esquinas das ruas, nos gabinetes oficiais, em frente dos "placards„. Quando não sabe o que se passa inventa o que se deve ter passado, e, quando no outro dia os jornais desmentem ou confirmam, não se confessa vencida. Talvez que sim, talvez que não—mas eu vou pela minha...

O que enerva as ruas, onde o serviço dos sinaleiros da policia é esmerado e prudente, é o cair da noite. De repente, ás cinco, ás seis, taipais corridos, "taxis„ desviados do seu destino, muita gente, tanta gente que não ha por onde passar.

E fecham os cafés, e fecham as lojas, e fecham as esquadras, e fecha-se a noite, cheinha de boatos.

O Rossio, vazio e pacifico, arredonda as curvas singulares dos lagos, onde as pombas, muito á vontade, se persignam com agua benta da chuva. As embocaduras estão tomadas. O Terreiro do Paço, como o Rossio, é um taboleiro deserto, onde se não pode jogar nenhuma partida de xadrês.

Pelas ruas laterais, 1.º de Dezembro, Santa Justa, junto do passeio do Martinho na gare, a multidão contempla, espera, observa. Farta de silencio e de tranquilidade, retira-se, Avenida acima; sobe a Almirante Reis ou encaminha-se para Alcantara.

E' noite e tudo acabou. Lisboa finge que dorme, com um ouvido á escuta. Começa então o estado de sitio, tranquilo para o passeio dos gatos, enfarinhados de luar, e com a policia, armada e postada debaixo dos focos electricos, mais intensos de luz. Não ha teatros—o que é uma felicidade para a critica. Não ha concertos de radio-telefonia, muito obscura, auditivamente obscura, pelas rajadas de vento que uivam nas frinchas das janelas, impelindas não se sabe de onde.

O bom comerciante está triste. Não se vende nada. As senhoras não saiem á rua. Mas ha as que desafiam os acontecimentos, com os labios pintados, sorriso heroico e olhos embaciados de curiosidade. Ha mesmo algumas que gostam de sair quando Lisboa está assim. O perigo tem tantos encantos! A acalmia enerva-as.

Quando, de manhã, percorrem os jornais, os grandes titulos tentam-nas, gulosamente, como cerejas, ainda por sazonar.

Aveiro!—e pensam nas barricas de ovos moles. A mulher foi sempre assim: utilitaria e realista.

* * *

Dorme tudo—como um *wagon* abandonado. O Porto dá-lhe o contraste. O silencio persiste na cidade, afugentando para longe os boatos e as tolices que durante o dia se divagaram, em ficções literarias. Cada um tem uma opinião, mas confia na opinião da maioria. E' assim que se vence. O tempo não se ganha, nem se perde.

Os acontecimentos banais desapareceram. Não ha crimes, não ha roubos. Ha apenas a insurreição do Porto.

Pequeninas vilas e cidades que quasi não se viam no cartaz da geografia, surgem como artistas de primeira plana. Granja—onde está instalado o grosso das forças governamentais; a ponte de D. Luiz, magnifica e tremula concepção

O sr. Presidente da Repu
A Voz algumas declarações po
as que se seguem:

«—Sr. Presidente, vitorios
será?

—Será a que tem adoptad
verno propõe-se levar a cabo o
fazendo assim as aspirações do

E concluindo:

—Temos procurado cump
coisa de bom e de util conseg
terrompam na nossa obra, po
actual, só prejudicam o Pais. T
nario do Porto, o Governo, ap
Nação, lançará o seu manifesto
politica.

—Manter-se-ha, portanto, a

—Não pode deixar de ser,
durar.

—Até?

—Não posso marcar-lhe o p
tirá enquanto o País necessitar
o fim politico do Governo, o Pa

—E esse fim?

—Será determinado pela n
publica, que o Governo apresen

—Constituição elaborada p
estranhos ao Governo?

—Não sei bem, mas parece-
sair duma *Assembléa Constituint*

NTOS DO PORTO

vernamentais
sse da Serra do Pilar
ocupar
DA VIRGEM
contra os revoltosos
Praça da Batalha

blica fez hoje ao nosso colega
oliticas, das quais transcrevemos

o o Governo, sua acção futura

lo desde a primeira hora. O Go-
programa de 28 de Maio, satis-
Exercito e do Pais.

rir esse programa. Já alguma
uimos. Lamentamos que nos in-
rque tais interrupções, como a
erminado o incidente revolucio-
oiado pelo Exercito e seguro da
determinando a sua finalidade

ditadura?...
A ditadura militar tem de per-

praso, mas penso que ela subsis-
da sua acção. Depois, marcado
is decidirá...

ova Constituição Politica da Re-
tará ao Pais.
elo Governo ou por elementos

me que essa Constituição deverá
e para tal efeito eleita.

da engenharia moderna; a Serra do Pilar, que é o Monsanto do norte; em ultima situação Ermezinde, humilde e modesta; Gaya, cujo nome aparece e desaparece, nas noticias dos jornais. Cada local passa agora a ter uma historia, uma recordação, um facto—mesmo que o não haja.

E' natural: ha sempre tantas confusões, nestes momentos de febre e anciedade!

Socego, pois, que Lisboa dorme, confiada na ordem.

O que se passa no Norte

PORTO, *(Serra do Pilar), 4, ás 12,30.* — (Do nosso enviado especial).

Como não havia meio de transporte, fômos esta manhã a pé até á Serra do Pilar onde se encontra o comandante das forças fieis ao governo, coronel Craveiro Lopes, dirigindo o bombardeamento contra os revoltosos.

Desde as primeiras horas do dia, o fogo dos canhões, das metralhadoras e das espingardas foi intensissimo de parte a parte, causando muitos estragos materiais e ferindo muitas pessoas.

Na Serra do Pilar, que foi atingida por umas dez granadas que feriram apenas duas mulas, estão as seguintes forças: Artilharia 5, Artilharia 2, uma divisão do grupo do 22 de Coimbra, uma parte de cavalaria 8, caçadores 10, 1 destacamento de infantaria 8, de Braga e Escola Pratica de Cavalaria, de Torres Novas.

Ao todo, 6 peças a dar fogo, e muitas metralhadoras.

O que nos diz o comandante das forças fieis

O coronel Craveiro Lopes está no gabinete do comando, cercado por muitos oficiais. Em frente, sobre a mesa, uma carta militar da região, constantemente consultada. Os dois telefones não têm descanso.

Com a maior serenidade, o comandante das forças fieis diz-nos:

—Estou convencido de que, dentro de muito pouco tempo, os revoltosos se renderão.

—Porquê?

—Não têm força e já estão cercados pelas forças fieis: Caçadores 9, comandados pelo coronel David Rodrigues, infantaria 18 e um pelotão de cavalaria 8 que esta manhã mandámos para lá.

—Daqui têm bombardeado o Quartel General?

—Apenas á roda. De resto, não vale a pena estar a fazer estragos, porque a vitoria está certa.

Alguem sugere que se bombardeie o Quartel General. E o desejo de apressar a solução leva o coronel Craveiro Lopes a ordenar que metam lá uma granada — que afinal se transformou numa série delas.

Uma sortida até ao campo dos revoltosos

Entra na sala o capitão Serra, de infantaria 19. Alvoroço.

E' que acontecera o seguinte:

A's 8,20 da manhã, aquele oficial com três tenentes, varios sargentos — alguns deles musicos — e soldados do 19 (ao todo 98 homens) pôs-se a caminho do Porto, precedido dum pelotão de cavalaria 8. A fuzilaria dos revoltosos contra eles, ao atravessarem a ponte D. Luís foi formidavel.

—Entrámos no Porto, — diz-nos o capitão Serra — e, enquanto o pelotão de cavalaria 8 se ia juntar ás forças fieis, mandei formar a minha força nas trazeiras do Quartel General, e disse-lhes:

«—Eu vou lá dentro. E, se não voltar dentro de um quarto de hora, vocês atacam o Quartel».

—O que se passou dentro do Quartel?

—Quizeram prender-me. Comuniquei a ordem que déra, e o coronel Freiria mandou-me soltar, dizendo-me: «Dê um abraço ao coronel Craveiro Lopes. Diga-lhe que lamento termos que lutar, e que estamos dispostos a morrer aqui, porque não nos rendemos».

O ataque ás forças revoltosas

Entretanto, iam chegando noticias sobre os revoltosos que eram imediatamente comunicadas para o Porto, pelo telefone, para o coronel David Rodrigues.

Sabendo-se que os revoltosos se estavam concentrando na Praça de D. Pedro, ordenou-se um ataque imediato a essa posição.

No Quartel General, além do coronel Freiria, estão tambem os srs. Jaime de Morais, Jaime Cortezão, capitão Alfredo Chaves.

A's 11 horas voaram sobre o Porto dois aviões militares, cessando, durante o vôo, o tiroteio que recomeçou depois, mas com muito pouca intensidade.

Ao meio-dia já os tiros são muito raros. Ha longos espaços em que o canhão descansa.

O ministro da Guerra é esperado em Gaia ás 13,55.

A's 21 de ontem só havia feridos

VILA NOVA DE GAIA, 4, ás 21 horas. — *(Do nosso enviado especial).*

Hoje, pelas 4 horas da tarde, procurámos saber, no posto da Cruz Vermelha de Gaia, instalado ao alto da Avenida da Republica, o que havia de positivo sobre mortos e feridos.

Perto do posto, caíram, durante todo o dia muitas granadas, varrendo as metralhadoras revoltosas toda a Avenida.

Interrogámos o sr. dr. Gil Costa, director da ambulancia:

—Têm aqui tratado muitos feridos?

—Até agora, 12.

—Militares?

—Não. Todos civis.

—De gravidade?

—Só dois. Um que ficou com o crânio fendido por um estilhaço, foi conduzido, por nós, para o hospital de Santo Antonio.

—E o outro?

—Não o levámos, porque não respeitaram a bandeira da Cruz Vermelha. Nas duas vezes em que o nosso auto-maca foi ao Porto buscar esses feridos, ao atravessar a ponte, foi intensamente alvejado com fogo de metralhadoras.

Alguem presente elucida que a fuzilaria veio da parte dos revoltosos.

—E, então, o que lhe fizeram?

—Tivémos de improvizar um hospital para ele.

—E mortos?

—Do lado de cá do Douro, até agora só temos conhecimento de um — um civil que está estendido na Rua do Pilar, ao pé da ponte. Não podemos ir buscá-lo, porém, porque o nosso carro seria alvejado. Estamos impossibilitados, assim, de cumprir plenamente a nossa missão.

Quando iamos a sair, entrou, nos braços de três bombeiros, o ferido n.º 13 — um velho mendigo, com uma perna atravessada por uma bala.

As forças fieis mudam de posições

A meio da tarde, alguem nos informou, na Serra do Pilar, de que as forças fieis ao governo, ali concentradas, iam mudar de posições, transferindo as suas peças para o Monte da Virgem — uma das melhores posições estrategicas.

Efectivamente, pelas 17,30, as tropas governamentais mudavam-se para aquele local, depois de colocarem quatro metralhadoras a barrar a passagem nas pontes. Junto duma delas se tem conservado grande parte do tempo o sr. ministro da Guerra que tem dirigido pessoal e activamente todas as manobras.

Razões desta transferencia? O facto da artilharia revoltosa ter descoberto as posições das forças fieis, acertando lá com numerosos tiros.

Nestas circunstancias, se ali se conservassem, as tropas do governo seriam, toda a noite, alvejadas e dizimadas com toda a segurança. Retirando quasi á noitinha para o Monte da Virgem, não déram aos

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

Folha oficial

As colonias

O "Diario" publica hoje, pelas Colonias, o seguinte decreto:

"Estando de ha muito estabelecida, na nossa legislação colonial, a divisão por distritos nas colonias em que a vastidão do territorio e as circunstancias economicas e administrativas o exigirem, funcionando o principio da descentralização da administração distrital, sem prejuizo da subordinação dos distritos aos governos coloniais e da fiscalização e orientação superior, que a estes governos compete exercer, relativamente a toda a administração distrital;

Sendo certo que os distritos em que se subdividem algumas colonias não têm, como regra, a mesma importancia, sendo diferentes os aglomerados das suas populações, o seu desenvolvimento comercial ou industrial, o estado de adiantamento e progresso, e a distribuição etnica dos agrupamentos populacionais indigenas, exercendo, portanto, esses distritos função diferente na vida administrativa, economica e politica da colonia;

Considerando que, em atenção á diversidade de interesses e circunstancias, devem as areas administrativas distritais estar sugeitas a regimes administrativos diferentes, devendo, por isso e consequentemente, os serviços de administração ser executados e distribuidos pelos organismos distritais que as necessidades e o desenvolvimento dos serviços de cada distrito tornarem necessarios, enquanto não forem promulgados os novos codigos administrativos, nos termos da base VII das bases organicas da administração colonial;

Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º Nas colonias divididas em distritos administrativos os serviços de administração geral da colonia serão executados e distribuidos pelas repartições distritais correspondentes ás diferentes direcções de serviços da colonia e dependentes dos governos dos distritos, salvo o que estiver ou fôr especialmente determinado para os serviços de execução ou de fiscalisação que, por sua natureza peculiar, exigirem um funcionamento de caracter autonomo em relação á administração distrital.

Art. 2.º Os funcionarios de provimento definitivo que estejam em serviço nos distritos e que dele sejam dispensaveis por virtude da remodelação dos serviços administrativos da colonia ou da modificação introduzida nos organismos distritais ficarão na situação de adidos, nos termos da lei de 14 de Junho de 1913.

Os premios da lotaria

836. . .	400:000$00	4093. . .	3:000$00
5930. . .	60:000$00	4296. . .	3:000$00
7692. . .	20:000$00	7897. . .	3:000$00
680. . .	3:000$00	8221. . .	3:000$00

DE LUTO

Irene Alves

Com 16 anos de idade, faleceu hoje a menina Irene Alves, filha da sr.ª D. Sofia Alves e do sr. Francisco José Alves (já falecido), e sobrinha do sr. João Rodrigues da Cunha e Silva, revisor do jornal «A Voz». O funeral realiza-se amanhã, pelas 14,30, da rua Maria da Fonte, 68, 2.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

Papeis Pintados
Desenhos de grande novidade
RESTAURADORES, 19

Fermento de uvas FRMOSINHO
Cura diabetes, furunculos. dispepsia, eczemas, Doenças de pele em geral.
FARMACIA FORMOSINHO
de Adriano Gueifão Ferreira
Praça dos Restauradores, 18—LISBOA

Carlos de Melo
Retomou a clinica

Abajours e almofadas para sophá
Fazem-se de todos os feitios. Preços economicos. Vai a casa tirar.
Rua Castelinhos, n.º 2, 3.º

No RODEN TEATRO, a revista SEMPRE FIXE, que reapareceo logo que sejam permitidos os espectaculos, continua em pleno exito de concorrencia e entusiasmo, dando brado o facto da graciosissima peça ser desempenhada por cerca de 100 pessoas, contadas entre o pessoal artistico, que se apresentam em 20 quadros

POLICLINICA DA ESTRELA

Rua Domingos Sequeira, J. M., 11c—LISBOA

Telefone Trindade-202

D. dos rins e vias urinarias, ás 10,30 horas—**Dr. Antunes Prior.**
Clinica cirurgica—Operações, ás 16,30 horas—**Dr. Eastos Gonçalves.**
Ouvidos, nariz e garganta, ás 9,30 horas — **Dr. Carlos Larroudé.**
Sifilis e doenças venereas ás 11 horas — **Dr. Carmo dos Santos.**
Clinica medica, coração e pulmões, ás 16 horas — **Dr. Drummond Borges.**
D. das gravidas, puerperas, utero e anexos — Doenças das crianças, ás 12 horas — **Dr. José Bonito.**
Estoma, figado e intestinos — D. da nutrição (diabetes gota, obsesidade), ás 14 horas. — **Dr. Luiz Quintela.**
Clinica geral, ás 14 horas — **Dr. Manuel d'Assumpção**
Doenças da pele e venerologia, ás 13,30 horas — **Dr. Caeiro Carrasco.**
Analises clinicas — Vacinas, ás 13 horas — **Dr. Marques Manaças.**
Doenças dos olhos, ás 9,30 horas — **Dr. Sertorio Senna**
D. da boca e dentes — Prótese, 12,30 horas. — **Dr. Virgilio Xavier.**
RaiosX — Radioterápia, ás 16 horas — **Dr. Aleu Saldanha Cruz.**
D. Nervosas e Mentais — Electroterapia, ás 16 horas — **Dr. Luiz Pacheco,**
Ortopedia — Massagem Ginastica medica, ás 15 horas — **Dr. Salazar Carreira.**

POLICLINICA DO RATO

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º

TELEF. N. 1200

Dr. Antonio Monteiro — 11 horas — Clinica geral, senhoras, creanças e partos.
Dr. Julio Gonçalves — 13 horas—Bôca e dentes.
Dr. Lourenço Raimundo — 13 e meia — Rins e vias urinarias.
Dr. Antonio Fernandes — 15 e meia — Medicina geral e doenças nervosas.
Dr. João Saraiva — 15 e meia — Doenças dos olhos
Dr. Tavares do Couto — 15 e meia — Garganta, ouvidos e nariz.
Dr. João de Moraes Sarmento — 16 horas — Ginecologia e operações.
Dr. Ruival Saavedra — 17 horas — Pulmões, pele e sifilis.
Dr. José Crespo — 17 e meia — Clinica medica, estomago, intestinos e figado.
Dr. Aleu Saldanha Cruz — Raios X.
Analises clinicas, electroterapia, maçagem e ginastica medica

Aconselhamos a todas as senhoras o uso do preparado

A Juventude

unico que evita a queda, ondulando, e fazendo crescer o cabelo, pois assim é preciso para se ter uma farta cabeleira e bem ondulada, como o exige a moda.

A' venda na Drogaria e Perfumaria

V.ª José Dias

RUA FANQUEIROS, 342-344

LISBOA

JOIAS

Brilhantes grandes
Joias antigas

Não vendam sem ver os preços porque pagamos

BARRETO & GONÇALVES, L.DA

17, R. Eugenio dos Santos, 17

Telefo o Norte 3759

DOENÇAS NERVOSAS

Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 28
C. da Gloria, 15—T. N. 4457

Director

Dr. J. Silvestre d'Almeida

Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.

Aberto das 8 ás 13 horas
Consultas das 10 ás 12 horas.

FEIRA DE LYON

de 7 a 20 de Março de 1927

20 PAISES apresentarão ali:

TODAS AS CRIAÇOES DO GOSTO CONTEMPORANEO TODAS AS NOVIDADES TECNICAS

O CATALOGO GERAL É ENVIADO CONTRA a importancia de: 10 Francos franceses

Peçam a carta de comprador, dando direito á entrada gratuita no PALACIO DA FEIRA e marque desde já os seus alojamentos

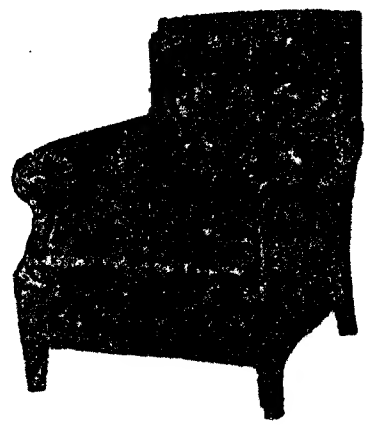
DIRIJA-SE A:

FOIRE DE LYON Service: Catal. HOTEL DE VILLE-LYON

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3087

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — **RUA DO OURO. 18. 24**
PORTO — **PRAÇA DA LIBERDADE. 28. 29**

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CARPINTARIA CIVIL

A ACTIVA
R. 24 de Julho n.º 8
Telef. C. 1601

Mobilias

PREÇOS DE LIQUIDAÇAO DURANTE AS OBRAS NA

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

Rua do Desterro, 17 a 29

POLICLINICA DO INTENDENTE

ALMIRANTE REIS, 27, 2.º—Telefone N.º 2989-N.

Dr. Aces Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 17.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes - Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Sifilis e doenças de nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (dialhermia), etc.)
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas, ás 14
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 14.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral operações, ás 15.

MAHDI

O melhor papel para cigarros de fabricação francesa.
Isento de materias nocivas á saude dos fumadores.

Unicos importadores

Pereira & C.ª L.da

Rua da Madalena, 113-2.º

LISBOA

GRANDE HOTEL DUAS NAÇOES

Almoços e Jantares avulsos
ACEITAM-SE COMENSAIS

Direcção Culinaria de
Affonso Rodrigues da Costa

Gerencia
Conrad Wissmann Junior

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço de Armazens Gerais

Concurso para a adjudicação da compra de madeira de pinho em toros

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 25 do proximo mês de Fevereiro, pelas 13 horas, na séde, da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, n.º 63, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para adjudicação da compra de 1.050 metros cubicos de madeira de pinho em toros.

Para ser admitido a licitação, devera o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 13 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso, o deposito de 8.000$00.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 0/0 da importancia total da mesma adjudicação, constituindo, assim, um deposito definitivo, que por intermedio da Direcção do Sul e Sueste será transferido para a Caixa Geral de Depositos onde ficará a ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realisado o deposito provisorio, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilisada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço dos Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1927.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) *Feio Terenas.*

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Serviço de saude

Concurso para ajudante de farmacia

Perante o Serviço de Saude desta Companhia, está aberto, por 30 dias, a contar da data deste anuncio, o concurso documental do lugar de ajudante de farmacia, com o vencimento fixo de Esc. 180$00 mensais e subvenção temporaria de Esc. 436$00 mensais, e as regalias inerentes á sua categoria como funcionario da Compahia.

Os candidatos deverão apresentar documentos autenticos da idoneidade profissional e moral, e quaisquer outros, comprovativos das suas habilitações literarias ou scientificas e dos lugares que tenham desempenhado; certidão de idade, que prove ter mais de 21 anos e menos de 40; certificado do registo criminal e documento comprovativo de terem satisfeito ás leis do recrutamento militar.

A nomeação será tornada definitiva, findos seis meses de serviço efectivo, com boas informações.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na sede do Serviço de Saude, em Santa Apolonia, todos os dias uteis, das 10 ás 17 horas.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1927.—Pelo Director Geral da Companhia—O engenheiro Sub-Director, *Lima Henriques.*

Perfumaria Higiene
ROCIO, 62--TELEFONE 4862 N.
Grande sortimento de productos das melhores marcas nacionais e estrangeiras. Deposito dos productos de toilette da Companhia Portuguesa Higiene, L.da. Preços sem competencia.

ESTRANGEIRO

A prestações
Pechincha: capas, calçado, chapeus, etc.
62, AV. ALMIRANTE REIS, 62
TRAVESSA ANDRÉ VALENTE — 7
Compra-se mobilia em bom estado

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Da Espanha

MADRID, 5

Numa entrevista concedida ao representante do jornal "El Debate", o sr. Annes, ministro do Trabalho, fez uma exposição da obra realisada no decurso do ultimo ano pelo governo, salientando especialmente o novo Codigo do Trabalho, onde, pela primeira vez, se encontra uma reforma tão fundamental como a criação do contrato de trabalho e o novo regime de organização corporativa, permitindo estabelecer sobre bases estaveis a paz social e a harmonia entre as classes produtoras.

Para o ano de 1927, o governo projecta a realização dalgumas obras bastante importantes, entre as quais se contam o desenvolvimento dos estudos para a criação duma rêde electrica nacional, a revisão da lei sobre as greves, a criação de novos seguros sociais, especialmente o seguro da maternidade, a reforma da lei sobre propriedade industrial, a criação de universidades industriais e de novos nucleos de colonização agricola.

Com a totalidade das disposições que serão tomadas no capitulo dos creditos, da colonização e da organização agricola, o governo organizará o futuro Codigo da Terra.—(H.)

Da Argentina

BUENOS AIRES, 4.

Vai ser melhorada a rêde de distribuição de agua potavel, elevando-se a um milhão de metros cubicos o caudal de agua destinado a Buenos Aires.—(A.)

Da França

PARIS, 5

As autoridades prenderam o português Joaquim da Costa, sem emprego, que havia assaltado uma mercearia em Montreuil, com o fim de a roubar.—(H.)

THE GREY'S
Cigarrettes
Virginia e Turco, são:
O maximo da elegancia
O maximo da qualidade
Impostadores
Comercio de Tabacos, Limitada
R. do Largo do Corpo Santo, 26—LISBOA

Guarda Livros
Habilitado, dando boas referencias, procura colocação.
Informações: R. dos Fanqueiros, 235, 1.º.

CARTA DO RIO

A eterna ingratidão DOS ARTISTAS que vão ao Brasil

RIO—Janeiro.—Um telegrama de Lisboa publicado nos jornais desta manhã dá a lista das individualidades agraciadas pelo governo português por terem prestado grandes serviços ao jornalista Pedro Muralha, durante a sua estada no Rio de Janeiro.

Li com grande interesse essa lista, em que figuram, aliás, nomes sob todos os pontos de vista respeitaveis e merecedores dessa alta distinção do nosso governo, mas não deixei de dolorosamente verificar mais uma vez a eterna ingratidão dos que aqui vêm e que só se lembram dos grandes da colonia, dos que têm dinheiro, a quem muitas vezes chegam por intermedio dos pequenos.

Não me admirou o ingratidão do sr. Pedro Muralha porque aqui afiz-me melhor, por dolorosa experiencia, grande mestra, mas nem sempre eficaz, á ingratidão dos que aqui vêm tratar da vida ou dos interesses... da Patria...

Trata-se do esquecimento com que o sr. Pedro Muralha pagou o muito que aqui deveu a Belmiro Santos.

Para o nosso pais Belmiro Santos é um ilustre desconhecido, mas não perderei agora a oportunidade de dizer quem ele é e o que ele vale.

Belmiro Santos, antigo professor em Portugal, que mais tarde esteve em Africa, reside ha mais de 17 anos no Rio de Janeiro, onde é chefe de redacção da Agencia Havas.

Desasete anos a prestar serviços ao seu pais, desete anos a valer aos que de ai veem tratar da vida, desasete anos a receber como premio, aquelas mesmas recompensas com que o Muralha o distinguiu.

Quantas aflições ele não tem evitado, quantas situações embaraçosas ele não tem remediado...

Só quem não tenha privado com esse português, tão ilustre quanto despretencioso, é que não sabe o que ele vale, até que ponto chega a sua bondade e quanto ele tem feito em beneficio do nosso Pais, do bem nome da nossa Terra amada.

Apesar disso, creio que nenhum ministro ou embaixador de Portugal o indicou ao governo, para uma mais que justa recompensa.

Não ha artista ou intelectual, que aqui chegue, que o não encontre prestavel, que logo o não tenha por amigo, por auxiliar valioso e dedicado.

Dispondo de valiosa influencia na imprensa brasileira, contando em cada jornalista carioca um amigo, tendo as melhores relações entre as mais altas individualidades politicas, Belmiro Santos tem valido, em bem apertados transes, a alguns, muitos, compatriotas nossos.

De todos, mais ou menos, tem recebido o mesmo "premio vil"...

Ora o sr. Pedro Muralha deambulava, uma bela tarde, pela agitada e turbulenta Avenida Central, quando o esguio e nervoso Simão de Laboreiro o encontrou. Abraços efusivos, sinceros, como são sempre os que nós, que aqui vivemos, damos aos conhecidos que dai vêm. E logo a primeira pregunta de Laboreiro foi:

—Você já viu o Santos?... Homem, o Santos, da Havas!...

Pedro Muralha ainda o não conhecia. E Simão de Laboreiro logo arrastou o recem-vindo até ao magestoso edificio do Liceu de Artes e Oficios, obra valiosa dum português, onde tambem está instalada a Agencia da Havas, a fim de apresentar o Belmiro Santos, o Santinhos, como nós lhe chamamos.

Logo o Simão forjou a celebridade de Pedro Muralha, dando-lhe credenciais de notavel, e o Santos expediu, para todas as gazetas, a noticia de que estava no Rio um dos maiores jornalistas portugueses. Dai a curiosidade dos nossos sempre gentis colegas cariocas, o desejo de o entrevistarem, etc. Visitas aos jornais, em companhia do Santos, ou do Simão, retratos publicados, elogios do tamanho da "legoa da Povoa" e até colaboração instada. Enfim, um sucesso retumbante.

Ora foi justamente o Belmiro Santos que o Pedro Muralha esqueceu, na lista que apresentou para as recompensas...

Que não tivesse querido dar o nome do Laboreiro, por ser monarquico, compreende-se e desculpa-se, mas o Belmiro Santos, que é republicano desde a caiva até ás plantas... republicano de muito antes de 1910!!...

Mas este é, como já disse, um caso como muitos, um caso de todos os dias.

Agora mesmo acaba de sair daqui um pintor coimbrão, que "briosamente confirmou" a regra. Chegou aqui na pior das oportunidades, de modo que, se não fosse o trabalho de três jornalistas portugueses, cujo nome não vem para o caso, a sua exposição não teria tido o sucesso material que teve, e que não foi dos piores. Foram eles que conseguiram o maior reclame da imprensa carioca.

Pois bem: "Deu o fóra" como aqui se diz, e despediu-se de um ou outro... por telegrama...

A proposito de uma carta minha, publicada ha tempo no *Diario de Lisboa*, em que lamentava o insucesso que consagrados artistas portugueses têm tido no Brasil, principalmente quando aqui vêm pela segunda vez, recebi na "Patria" uma carta de uma senhora, que se queixava precisamente do mesmo mal, isto é da forma, pouco cortez mesmo, com que a grande maioria dos artistas correspondam ás amabilidades e atenções de que são alvos.

Infelizmente vou verificando agora, dia a dia confirmado pela experiencia, a razão que assistia a essa senhora para fazer as suas queixas.

Estes factos repetem-se dia a dia e são um dos factores mais poderosos do insucesso cada vez maior que aguarda os artistas ou literatos que dai vêm.

Sempre que um chega, está ainda bem viva a ingratidão do ultimo que se foi.

Gastão de Bettencourt.

PIANOS
e
Autopianos
Rolos
Musicas

Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57, 58

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Do Brasil

RIO DE JANEIRO, 4

Foram nomeados directores do Departamento Nacional de Ensino e da Faculdade de Medicina, respectivamente, os srs. Aloisio de Castro e Abreu Fialho, dois dos primeiros nomes da sciencia medica brasileira. Aqueles cargos eram ultimamente exercidos pelo dr. Rocha Vaz, que foi designado para exercer outras altas funções.—(A.)

RIO DE JANEIRO, 4

Chegou Gago Coutinho, que teve uma recepção imponente. A aguardar o ilustre almirante compareceram, no cais do desembarque, numerosissimas figuras de destaque no meio carioca, homens de sciencia, oficiais da Marinha e da Aviação, muitas figuras da colonia portuguesa, autoridades, jornalistas, etc. Preparam-se grandes homenagens ao sabio aeronauta, que é muito saudado por toda a imprensa.—(A.)

Do Mexico

MEXICO, 4.

Uma nota oficial diz que está restabelecida a ordem nos Estados do Norte, tendo as guerrilhas rebeldes sido reduzidas á mais completa impotencia. Vão ser imediatamente julgados os cabecilhas revoltosos, entre os quais figuram alguns padres. Pretende-se que estes sejam julgados num tribunal especial em que entrem prelados, mas o governo não acede a tal desejo.—(A.)

POLICLINICA DO CONDE BARÃO
Largo do Conde Barão, 12, 2.º
Telef. Central 1902
Doenças dos olhos—A's 5 horas—Dr. Medeiros de Almeida.
Doenças dos rins e vias urinarias—A's 11,5 horas—Dr. Bastos Lopes.
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta—A's 2 horas—Dr. Manuel Pinto.
Cirurgia geral—Operações—A's 2 1|2 horas—Dr. Santos Paiva.
Clinica geral—A's 3 horas—Dr. Fernando Cabral.
Doenças das senhoras—A's 6 horas—Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.
Doenças da pele, venereas e sifilliticas—A's 4 horas—Dr. Oliveira Zuquet.
Doenças de boca e dentes—A's 3 horas—Brum da Silveira.
Clinica medica—Doenças do coração e pulmões—Doenças nervosas, electroterapia—A's 4 horas—Dr. Luiz Pacheco.
Doenças das creanças e orthopedia—A' 1 hora—Dr. Antonio de Menezes.
Doenças do estomago e intestinos—A's 2 horas—Dr. Cascão de Anciães
Raios X e Raios Ultravioletas
Analises clinicas e vacinas

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—5 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Doenças das senhoras—Dr. Casimiro Afonso—2 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—4 h.

Cardoso do Amaral
E
Corrêa Guedes
Advogados
Rua da Prata, 54-2.—Tel. C. 3763

ULTIMAS NOTICIAS

RESTAURANT BACALHAU
A's portas de Bemfica
O retiro melhor frequentado
Encontram-se á venda os afamados vinhos novos em cima da bôrra, fabrico especial d'esta casa. Optimas salas reservadas e grande salão com petits tables. Magnifico serviço culinario. Gabinetes reservados.
Aberto toda a noite.

A REVOLTA NA CAPITAL DO NORTE

Segundo a nota oficiosa

que o ministerio da Guerra enviou aos jornais

a insurreição do Porto

ainda não foi sufocada porque as tropas revoltadas estão entrincheiradas no centro da cidade e o governo quer poupar a população

O ministerio da Guerra enviou hoje aos jornais a seguinte nota oficiosa:

A insurreição militar só teve repercussão no Porto, Figueira, na guarnição de Tavira e na canhoneira «Bengo», que estava em Faro.

As tropas revoltadas da Figueira, de Tavira e da «Bengo» foram já dominadas e presos os seus chefes.

A insurreição do Porto não foi ainda completamente sufocada porque as tropas revoltosas estão entrincheiradas no centro da cidade e o governo pretende poupar o mais possivel uma cidade tão laboriosa e tão nobre.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1927.

(Continuação da pagina central)

revoltosos tempo para regularem as suas pontarias.

A Serra do Pilar ficou, pois, esta noite desocupada, mas a coberto de qualquer sortida dos revoltosos, não só pelas metralhadoras que varrem as pontes, mas pelas peças que do Monte da Virgem dominam a Serra.

Preparando o ataque decisivo

São 9 e meia da noite. A todo o momento se aguarda a chegada de novos e importantes reforços governamentais que constam de 12 peças de artilharia, muitas metralhadoras, cavalaria e infantaria.

A' nossa frente, foi ordenado esta tarde, pelo telefone do Caminho de Ferro, [illegible] e Coimbra:

[illegible] ao Norte do Entroncamento avancem imediatamente para aqui, a fim de atacarem os revoltosos.

O ataque ás posições revoltosas deve começar ás primeiras horas da manhã.

Os ferroviarios do Minho e Douro puzeram-se em greve, cortando as linhas de Braga ao Porto, para evitar a vinda das tropas bracarenses, fieis ao governo.

Em contraposição, a C. P. tem realizado todos os comboios de passageiros e mercadorias, de Vila Nova de Gaia para baixo, além dos comboios militares.

Amanhã, ás primeiras horas, devemos, pois, ter novidades sensacionais — e ruidosas...

O cerco aos revoltos

No momento em que vai partir o comboio que leva estas noticias, o tenente-coronel Verdades de Miranda, do gabinete do ministro da Guerra informa-nos, garantindo-nos a veracidade, de que os destacamentos de Braga e Viana do Castelo, fieis ao governo, já chegaram ao Porto, aguardando o romper do dia para iniciar o ataque aos revoltosos.

De Vizeu, comunicam que o destacamento do coronel Mateus ocupou Regua, dispondo-se a marchar imediatamente para Ermezinde, fechando assim completamente o cêrco aos revoltosos.

O ultimo acto...

VILA NOVA DE GAIA, 5, ás 8 horas da manhã. *(Do nosso enviado especial).*

Póde afirmar-se que os acontecimentos do Porto chegarão hoje á sua derradeira fase.

A parte da cidade do Porto em poder dos revoltosos está inteiramente cercada, sob a direcção superior do sr. ministro da Guerra, que tem sido incansavel.

Durante toda a noite, o fuzilar das metralhadoras pesadas e ligeiras foi constante, fazendo a artilharia do governo alguns tiros das suas novas posições, no Monte da Virgem.

Da parte dos revoltosos, desde ontem á noite que não se faz um unico tiro de peça, limitando-se ao fogo das metralhadoras.

A's onze e meia da noite, chegaram mais 400 soldados fieis, com 5 peças e numerosas metralhadoras, sob o comando do tenente-coronel Martins Cameira; caçadores 11, de Castelo Branco; artilharia 24, de Abrantes, e Caçadores 8, de Elvas.

Meia hora depois, chegou uma força de caçadores 2, antigo 15 de Tomar.

Na estação de Gaia vê-se uma instalação completa de T. S. F., chegada ontem.

Falei com o secretario do sr. ministro da Instrução, tenente Celso de Magalhães, que me garantiu que ele não está preso. Passou a primeira noite da revolta, ora no quartel de cavalaria 9, ora no de infantaria 18, tendo depois recolhido a uma casa particular.

Colhemos mais alguns pormenores sobre a carga de cavalaria 8 contra as barricadas da margem direita do Douro.

Comandou-a o capitão Albuquerque. Ficou morto um soldado, ferindo-se dois. Morreu tambem um cavalo.

O capitão Albuquerque sofreu um entorse num pé, em virtude de se lhe ter chapado a montada.

Os tenentes Oscar Ruas e Barbas pediram ao sr. ministro da Guerra para lhes permitir que, nos comandos de metralhadoras, sejam os primeiros a entrar no Porto.

A's 7 da manhã chegou mais tropa fiel: um batalhão de caçadores 1, de Portalegre, sob o comando do capitão Basso Marques.

Pouco depois, entrou na estação o sr. ministro da Guerra, acompanhado do tenente Magalhães.

Não foi necessario perguntar-lhe a sua impressão. Lia-se-lhe no rosto, a par da maior serenidade, a decisão firme de acabar com tudo — e imediatamente.

Deu ordens para que fôssem ocupar posições as forças que estavam na estação, assistindo ao seu desfile, e partindo depois para as linhas.

Espera-se que cheguem daqui a pouco mais forças fieis: artilharia 21, de Portalegre, e artilharia 4.

Enfim: daqui a poucos minutos vai começar o ultimo acto...

FELIX CORREIA

A greve do Sul e Sueste

Hoje fizeram-se dois vapores para o Barreiro. A greve continua. O governo tomou acertadas providencias para vêr se consegue servir o Alemtejo e Algarve, que não pode ficar privado de caminho de ferro.

O jornal governamental dizia esta manhã:

"Apresentou-se ontem ao serviço a maioria do pessoal, declarando os ferroviarios que assim procediam, visto ter observado que o movimento tinha tendencias politicas. Hoje deve ficar normalizado todo o serviço„.

A' hora que escrevemos, o governo está confiado em que amanhã terá o serviço em parte, restabelecido.

Uma inutil sortida dos revolucionarios

Os telegramas e noticias que damos abaixo, servem a documentar as alternativas por que tem passado a situação, no Porto. Algumas destas noticias, referentes a ontem, não têm já actualidade, mas mostram o quadro dos acontecimentos.

PORTO, 4, ás 21,15. — Conforme noticiámos, os revoltosos tinham ocupado de surpresa o posto da T. S. F. do Bom Pastor, ao pé do regimento de caçadores 9. Esta noite, porem, as tropas fieis recuperaram o referido posto, estabelecendo pelo telefone as comunicações com as restantes tropas e com o sr. ministro da Guerra, que nessa altura se encontrava em Gaia, a dirigir as operações. —(Informação do orgão do governo).

A's 11 da noite de ontem:

«O cerco aos revoltosos é cada vez mais apertado, devendo encontrar-se já dentro da cidade perto de 2.000 homens. Um dos chefes dos civis revoltosos é o sr. tenente Lopes Soares, que estava na policia de Lisboa.—*(Noticia governamental)*

Ajuntamentos no Rossio

A's 14 horas, o Rossio encontrava-se cheio de populares que apreciavam os acontecimentos, segundo as suas tendencias e simpatias. A essa hora, compareceu um esquadrão de cavalaria da G. N. R., que se foi postar no largo de S. Domingos, tendo sido distribuidas algumas patrulhas, para dispersar os grupos.

O Cafe "Brasileira„, do Rossio, encontra-se fechado, por ordem superior. Alguns estabelecimentos da Baixa, principalmente as ourivesarias, encerraram, ás primeiras horas da tarde, as portas.

O "Vasco da Gama", a "Bengo" e a "Quanza"

Informações das 16 horas, pedidas pelo *Diario de Lisboa* ás estações superiores de marinha:

O cruzador "Vasco da Gama" encontra-se preparado para sair, aguardando apenas a necessaria determinação ministerial.

Em Faro, a canhoneira "Bengo" não se rendeu. Para o Algarve deve seguir ainda hoje a canhoneira "Quanza".

* * *

O conselho de ministros, sob a presidencia do Chefe do Estado esteve reunido no ministerio da Guerra até ás 11 horas da manhã tendo assistido a parte dele o comandante da Guarda Fiscal.

A' hora do nosso jornal andar na rua, deve ter-se reunido novamente o conselho a fim de se ocupar da situação.

* * *

A policia esteve, durante a noite, de prevenção rigorosa, que determinou ás 8 horas da manhã. Durante o dia de hoje houve prevenção por quartos.

Uma carta do tenente-coronel Francisco Aragão

O tenente-coronel aviador sr. Francisco de Aragão enviou ao nosso colega *Portugal*, a seguinte carta de que se nos pede publicação:

«*Ex.mo Sr. Director do jornal «O Portugal»:* — O jornal que V. Ex.ª dirige dá hoje a noticia — em grandes letras — de que eu fui oferecer os meus serviços ao governo.

Tal noticia é absolutamente falsa.

Não tenho que fazer apreciações sobre os actos governativos, mas toda a gente sabe que não fui nunca, não sou e entendo que não devo ser partidario do actual governo.

Considero perniciosa para a Republica e para o Exercito a vitoria dos homens que se revoltaram no Porto, e os meus deveres de lealdade obrigam-me a cumprir as ordens que me fôrem dadas.

Não preciso de me oferecer — nem me ofereceria — para marchar contra os revolucionarios do Porto, entre os quais conto um amigo querido — o heroico capitão Sarmento Pimentel.

Mas as ordens que receber cumpri-las-hei sem hesitações, como é meu dever — tão certo é que nada prezo tão alto na vida como o nome honrado de soldado que conquistei.

Pedindo a V. Ex.ª a publicação desta carta, creia-me att.to ven.or e obrig.o — *Francisco Aragão*, tenente-coronel aviador, sub-director da Aeronautica».